

N[ε]blina ou N[i]blina? Alteamento e abaixamento da pretônica /E/ na Bahia, Ceará e Paraíba – a atuação dos fatores sociais

*Aluiza Alves de Araújo
Patrícia Jéssica Rocha Silva
Rakel Beserra de Macêdo Viana*

ARAÚJO, Aluiza Alves de; SILVA, Patrícia Jéssica Rocha; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo. N[ε]blina ou N[i]blina? Alteamento e abaixamento da pretônica /E/ na Bahia, Ceará e Paraíba – a atuação dos fatores sociais, *Linguística Rio*, vol.4, n.1, dezembro de 2018.

ISSN: 2358-6826

[http://www.linguisticario.lettras.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/araujo_silva_viana.pdf]

Informações do autor

Aluiza Alves de Araújo
Professora doutora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE)
Contato: aluizazinha@hotmail.com

Patrícia Jéssica Rocha Silva
Graduanda em Letras Português na Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Rakel Beserra de Macêdo Viana
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Outras informações

Enviado: 02 de fevereiro de 2018

Aceito: 31 de março de 2018

Online: 11 de fevereiro de 2019

RESUMO: Sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, o presente artigo tem como objetivo analisar a variação da vogal média pretônica /E/, observando as variantes vocálicas média baixa [ε], média alta [e] e alta [i] nos dados do Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI; ISENSÉE; FERREIRA, 1963), do Atlas Linguístico do Estado do Ceará (BESSA, 2010a, 2010b) e do Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO; MENEZES, 1984). Foram observados os condicionadores sociais sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa 1 – 20 a 60; faixa 2 – acima de 60 anos), escolaridade (alfabetizados e não alfabetizados) e localidade (Bahia, Ceará e Paraíba). Para isso, coletamos, codificamos e submetemos os dados à análise estatística do programa Goldvarb X. Os resultados obtidos indicam que o fator mais relevante para a variação foi o condicionador social localidade, apresentando uma predominância da realização da vogal alta [i] e da vogal aberta [ε] em relação à vogal fechada [e], indicando que o estado do Ceará apresenta maior incidência dessas realizações.

PALAVRAS-CHAVE: Vogal média pretônica /E/; Sociolinguística Variacionista; Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB; Atlas Linguístico do Estado do Ceará – ALECE; Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB.

Introdução

Nesta pesquisa, decidimos investigar as regras de alteamento e abaixamento da vogal média pretônica /E/ a partir dos dados das cartas fonéticas contidas nos Atlas Linguísticos estaduais da Bahia (ROSSI; ISENSÉE; FERREIRA, 1963), da Paraíba (ARAGÃO; MENEZES, 1984) e do Ceará (BESSA, 2010a, 2010b), com base no aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, defendida por Labov ([1972] 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006).

Com uma amostra constituída por 472 informantes oriundos dos três Atlas linguísticos supracitados, analisamos a atuação das variáveis sociais (sexo, faixa etária, escolaridade e localidade) que condicionam as regras de alteamento e

abaixamento da pretônica /E/, como mostram os dados retirados de nossa amostra, nos excertos (1) e (2), a seguir.

(1) Abaixamento – [hɛdi'mũjw] - ALP, Carta 13: Redemoinho, masculino, 69 anos, Esperança-PB;

(2) Alçamento – [ʒiri'mũ] - APFB, Carta 39: Abóbora/jerimum, feminino, 38 anos, Jeremoabo-BA.

Nos últimos anos, podemos observar muitos estudos acerca do comportamento das vogais médias pretônicas que ampliam o conhecimento sobre a diversidade linguística e auxiliam no desenvolvimento do ensino de língua materna no Brasil. Dentre esses estudos, destacamos alguns dos mais recentes, como o trabalho de Razky, Lima e Oliveira (2012), que investiga as vogais médias pretônicas no falar paraense; a pesquisa de Carmo e Tenani (2013), que analisa as pretônicas na variedade do noroeste paulista; a análise de Cruz e Souza (2013) sobre a variação vocálica pretônica na fala belenense e o estudo de Paim e Anjos (2015) sobre o alçamento das vogais médias pretônicas no falar baiano.

Porém, ainda há carência de pesquisas sobre o comportamento das vogais médias pretônicas em algumas regiões do país e, por isso, é necessário explorar mais sobre esse tema. É fundamental elaborar, cada vez mais, estudos relacionados à realização da pretônica para o reconhecimento de nossa diversidade linguística e para o desenvolvimento do ensino de língua materna apropriada ao contexto linguístico real do aluno.

A nossa principal hipótese é que, i) a localidade é o grupo de fatores social mais importante para o alçamento e o abaixamento. Também defendemos que: ii) os jovens privilegiam mais o abaixamento; iii) os menos escolarizados favorecem o uso da variante vogal alta [i]; e iv) os homens são aliados das regras de alçamento e abaixamento.

O presente artigo está organizado em cinco seções. Nesta introdução, delimitamos o tema e apresentamos o objetivo, as hipóteses, a justificativa e citamos alguns estudos recentes sobre o tema. Na revisão da literatura, apresentamos os principais resultados dos estudos com os quais comparamos nossos resultados na análise dos dados. Na metodologia, explicamos os procedimentos adotados para a

realização desta pesquisa. Nos resultados, interpretamos os dados mais relevantes para nosso estudo. Por fim, exibimos as considerações finais acerca deste trabalho.

1. Estudos pioneiros e recentes sobre a pretônica /E/ no português brasileiro

A realização das vogais médias em contexto pretônico é um fenômeno que se percebe imediatamente ao escutá-lo no dia-a-dia. Assim, pesquisas sobre esse tema vêm sendo, crescentemente, desenvolvidas nos últimos anos. Como já mencionado anteriormente, nosso objeto de estudo em questão é a variação da vogal média pretônica /E/. Por isso, procuraremos destacar apenas os resultados que se referem a essa vogal.

Entre os estudos pioneiros que trataram do fenômeno da variação das vogais médias pretônicas, podemos observar Viegas (1987), que investigou o fenômeno vocálico pretônico no falar belo-horizontino; Vieira (1990), que analisou o alçamento vocálico pretônico /E/ dos falantes de comunidade rural entre o Amazonas e o Pará; e Callou *et al.* (1991), que analisaram a harmonização vocálica das pretônicas no falar culto carioca.

Viegas (1987) investigou o fenômeno das vogais pretônicas no falar belo-horizontino, a partir de uma amostra de 16 informantes divididos em camadas socioeconômicas como a classe operária e classe média, a faixa etária de jovens entre 16 e 23 anos e adultos entre 35 e 50 anos de idade, além do grau de formalidade das entrevistas. A pesquisadora observou que os contextos favorecedores à regra de alçamento da vogal média pretônica /E/ são fatores linguísticos, como, por exemplo, início de palavra ([i]ntão); vogal subsequente tônica alta (s[i]rviço); sílaba inicial 'de' e 'des' (d[i]mais, d[i]sligado). Em relação aos fatores sociais, ela concluiu que há uma neutralidade para a regra de alçamento de /E/.

Outro estudo pioneiro é o de Vieira (1990), que analisou o alçamento vocálico pretônico de /E/ a partir de uma amostra de 102 informantes da comunidade rural entre o Amazonas e o Pará. Nessa amostra, foram observados os seguintes fatores sociais: sexo (feminino e masculino), escolaridade (alfabetizados e não alfabetizados), faixa etária (entre 30-39, 40-59 e 60 anos em diante) e localidade (Santarém, Alenquer, Óbidos e Oriximiná). O fator linguístico que se mostrou favorecedor a regra de alçamento da pretônica foi a vogal alta [i] na sílaba

subsequente (p[i]d[i]r). Já entre os fatores sociais, os que foram considerados favorecedores à regra de alçamento de /E/ foram a idade e a localidade do informante. Foi observado que os falantes com mais de 60 anos faziam mais uso da variante [i] e que a localidade influenciava por causa da falta de exposição dos falantes a outra variedade de linguagem. A pesquisadora concluiu haver uma propensão ao alçamento da vogal média pretônica para esses informantes.

Por último, o estudo de Callou *et al.* (1991), que analisou as regras de alçamento e abaixamento da vogal oral pretônica no falar culto da Zona Norte, Sul e Suburbana do Rio de Janeiro. Nesta pesquisa, foi analisada uma amostra de 18 informantes, observando os fatores sociais sexo (feminino e masculino), faixa etária (entre 25 e 35 anos, 36 e 50 anos e 51 anos em diante) e localidade (Zona Norte, Zona Sul e Zona Suburbana). O condicionador linguístico que favoreceu a elevação da vogal média anterior foi o timbre da vogal subsequente ao da vogal pretônica, caracterizando um processo de harmonização vocálica. Já a regra de abaixamento apresentou-se pouco produtiva. Os fatores sociais não se mostraram relevantes para as regras de alçamento e abaixamento. No entanto, os falantes com faixa etária acima de 51 anos fazem mais uso da regra de alçamento, assim como os falantes do sexo masculino e residentes da Zona Sul. Nessa pesquisa, foi constatado que a baixa produtividade da regra de alçamento em relação à manutenção das vogais médias pretônicas mostra que o processo de variação se encontra estabilizado.

Sobre os estudos recentes, trouxemos, para nossa pesquisa, os resultados de quatro estudos, os mais recentes que se assemelham ao nosso estudo (PAIM; ANJOS, 2015; CARMO; TENANI, 2013; CRUZ; SOUZA, 2013; RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2012)¹, por se tratarem de pesquisas que se utilizaram de dados de Atlas linguísticos. Porém, houve dificuldade em encontrarmos estudos mais atuais sobre a variação da vogal média pretônica /E/ em Atlas Linguísticos, especificamente dos estados da Bahia, Paraíba e do Ceará. Por isso, decidimos investigar esse fenômeno a partir dos dados destes três Atlas, para enriquecermos mais o conhecimento acerca da diversidade linguística dessas regiões.

Paim e Anjos (2015), fundamentados na Sociolinguística Variacionista laboviana e na Dialetoleologia Pluridimensional, investigaram, separadamente, as

¹ Embora estes estudos abordem tanto a pretônica anterior quanto à posterior, procuramos destacar apenas os resultados referentes à pretônica /E/, por ser esta vogal o objeto de nossa análise.

vogais médias pretônicas /E/ e /O/ no falar soteropolitano a partir dos inquéritos do Atlas Linguístico do Brasil, sendo que a análise estatística privilegiou apenas o alteamento. Os autores observaram o efeito dos fatores sociais sexo (masculino e feminino), faixa etária (18-30 e 50-65 anos) e escolaridade (fundamental e universitário). Eles encontraram uma frequência de 20,3% para a pretônica alta [i], 19,4% para a média fechada [e] e 60,3% para a média aberta [ε]. Os resultados do Goldvarb 2001, revelaram “*que há um predomínio de vogais abertas, tanto anteriores, como posteriores*” (PAIM; ANJOS, 2015: 147). Apenas a variável faixa etária foi selecionada como relevante para a regra de alteamento, apontando que os jovens (faixa etária I), com 0,37 de peso relativo – doravante PR, inibem a vogal [i], enquanto os mais velhos (faixa II), com PR 0,54, favorecem, timidamente, esta vogal. Isso nos faz concluir que a vogal média baixa [ε] é mais presente no falar dos jovens baianos.

Finalizando a análise, Paim e Anjos (2015) realizaram um cruzamento com as variáveis sexo e escolaridade, para verificarem a atuação do sexo na regra de alteamento de /E/, haja vista o sexo ser uma variável que tem se mostrado relevante nas pesquisas dos autores e constataram que o cruzamento foi considerado relevante para a regra, com as mulheres de nível fundamental (PR 0,59) e os homens também de nível fundamental (PR 0,62) favorecendo a vogal [i], diferentemente das mulheres e homens de nível superior que se opõem à regra (PRs de 0,21 e 0,32 respectivamente).

Carmo e Tenani (2013) analisaram, com base nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística de Labov ([1972] 2008), o alçamento das vogais médias pretônicas /E/ e /O/ comparativamente, em um *corpus* de 152 informantes em 38 entrevistas coletadas da Amostra Censo do banco de dados IBORUNA. Consideraram em sua pesquisa os fatores sociais: sexo (feminino e masculino), faixa etária (7-15, 16-25, 26-35, 36-55 e acima de 55 anos) e escolaridade (ensinos fundamentais I e II, médio e superior).

Os resultados gerais de aplicação de alçamento da pretônica anterior /E/ foram de 16,3% para o alçamento e 83,7% para o não alçamento. O fator social sexo/gênero foi descartado pelo Goldvarb X como relevante para o alçamento da vogal média pretônica /E/. Contudo, a faixa etária e a escolaridade foram

selecionadas pelo programa, embora ocupando as últimas posições na ordem de seleção.

A rodada estatística para a variável faixa etária revelou que a faixa mais beneficiadora do alçamento de /E/ é a faixa de 36 aos 55 anos, pois apresentou um PR de 0.575, seguida da faixa dos jovens, de 7 aos 15 anos com um PR 0.529. Já as outras faixas etárias demonstraram serem inibidoras da aplicação do alçamento de /E/, pois a faixa etária de 26 aos 35 anos mostrou um PR 0.466, a faixa relacionada aos informantes com idade acima de 55 anos revelou um PR de 0.455 e a faixa de 16 a 25 anos mostrou um PR de 0.429. No geral, os pesos relativos das faixas etárias aproximam-se de 0.5. Por isso, conforme as pesquisadoras Carmo e Tenani, não há como afirmar que o processo de alçamento da vogal média pretônica /E/ encontra-se em mudança.

No fator escolaridade, é verificado que o primeiro ciclo do ensino fundamental é o fator que mais favorece o alçamento, pois apresentou um PR de 0.622. Já o ensino superior e o segundo ciclo do ensino fundamental mostraram-se, praticamente neutros para o processo de alçamento da vogal média alta pretônica /E/, pois apresentaram, respectivamente, os PRs de 0.518 e de 0.498. O fator ensino médio, com PR de 0.441, mostrou-se inibidor desse processo. Assim, pode-se dizer que o alçamento da vogal média pretônica /E/ na variedade do noroeste paulista é um fenômeno que não é fortemente influenciado por fatores sociais.

Cruz e Souza (2013) estudaram, também à luz da Sociolinguística Variacionista de Labov ([1972] 2008), as vogais pretônicas /ɨ/ e /ɘ/ conjuntamente, em um *corpus* de 48 informantes do banco de dados do Projeto Norte Vogais (CRUZ, 2012), controlando fatores sociais, sexo (masculino e feminino), faixa etária (15-25, 25-45 e 46 anos em diante) e escolaridade (não escolarizados, ensinos fundamental, médio e superior) e fatores linguísticos, que não serão apresentados por não serem relevantes para nossa pesquisa. Os resultados revelaram que apenas a escolaridade e a faixa etária do informante mostraram-se relevantes na aplicação da manutenção das vogais médias pretônicas no falar belenense.

No grupo de fatores escolaridade, os resultados revelaram que os informantes com nível fundamental (PR de 0,61) tendem a privilegiar mais a regra de manutenção das vogais médias, ao contrário do que ocorreu com os informantes

não escolarizados (PR de 0,47) e com os falantes com nível médio (PR de 0,44). Os informantes de nível superior (PR de 0,50) mostraram-se neutros nesse processo.

No fator faixa etária, a primeira faixa (de 15 a 25 anos), com PR de 0,57, revelou-se mais favorável ao processo de manutenção das vogais médias pretônicas. Porém, a segunda (PR de 0,46) e a terceira faixa (PR de 0,45) inibiram o processo.

Razky, Lima e Oliveira (2012), a partir do *corpus* Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA), analisaram 1008 dados referentes à pretônica /E/ na perspectiva dialetológica. Os fatores sociais observados foram a localidade (Abaetetuba, Altamira, Belém, Bragança, Breves, Cametá, Conceição do Araguaia, Itaituba, Marabá e Santarém), a faixa etária (19-33 e 40-70) e o sexo (masculino e feminino).

Os resultados do estudo de Razky, Lima e Oliveira (2012) demonstraram que houve uma predominância de 42% da vogal pretônica fechada [e] sobre as demais variantes, sendo a variante [i] com 23% e [ε] com 35%. Essa variante [ε] também se mostrou mais evidente no uso feito pelo sexo feminino nas regiões Abaetetuba, Belém, Bragança, Breves, Cametá, Itaituba e Santarém e, nas demais regiões, prevaleceu a variante [e] realizada pelo sexo masculino. Em relação à faixa etária, os resultados mostraram que os jovens fazem mais uso da variante [e] e os idosos apresentam maior frequência de ocorrência da variante [ε]. Os pesquisadores ressaltam que os resultados podem indicar uma possível mudança da vogal aberta [ε] para a fechada [e] no estado.

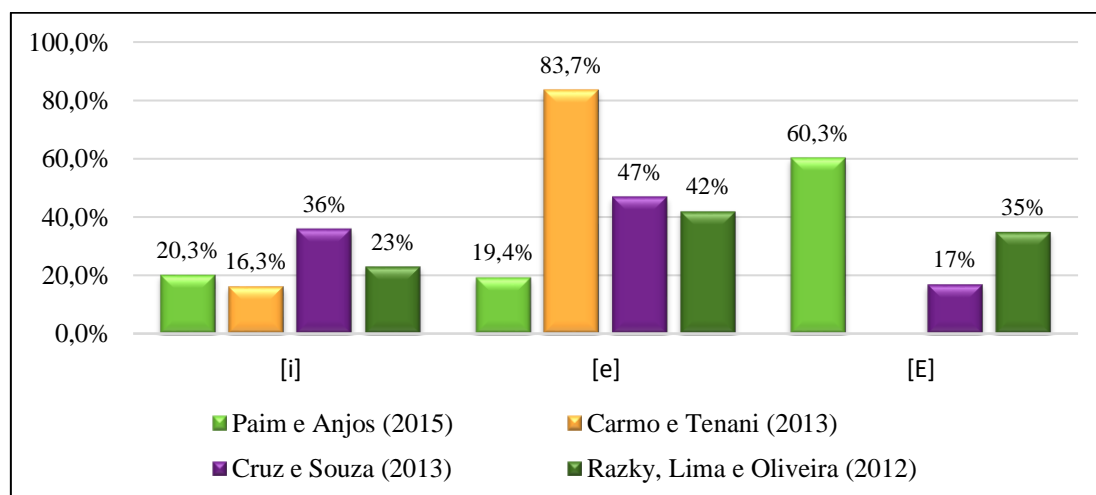


Gráfico 1 - Percentual de uso de cada variante de /E/ em estudos recentes citados

De acordo com o Gráfico 1, vemos uma tendência de uso das vogais pretônicas médias fechadas [ε], que, com exceção do estudo de Paim e Anjos (2015), mostram índices percentuais superiores a 42%, chegando a 83,7%. No trabalho de

Paim e Anjos, (2015), com dados de falantes soteropolitanos, as vogais médias fechadas não são favorecidas, porque estes falantes beneficiam a vogal média baixa [ɛ].

Damos continuidade ao nosso estudo, apresentando, na seção seguinte, os passos metodológicos adotados nesta pesquisa.

2. Metodologia

A presente pesquisa possui caráter descritivo e quantitativo e está embasada na metodologia da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, [1972] 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006). Os corpora de onde retiramos a nossa amostra pertencem ao Atlas Linguístico dos Falares Baianos (ROSSI; ISENSÉE; FERREIRA, 1963), ao Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO; MENEZES, 1984) e ao Atlas Linguístico do Estado do Ceará (BESSA, 2010a, 2010b). A partir desses atlas linguísticos estaduais, selecionamos as cartas fonéticas que apresentaram a realização da vogal média pretônica /E/ e suas variantes: fechada [e], aberta [ɛ] e a alta [i].

Analizamos os dados extraídos de três Atlas linguísticos estaduais desenvolvidos no Brasil, que são: o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), com 100 informantes, apresentando idades entre 25 e 84 anos de idade, divididos entre analfabetos e alfabetizados e em 50 localidades da Bahia; o Atlas Linguístico da Paraíba (ALP), com 107 informantes, com faixas etárias entre 30 e 75 anos, escolaridade variando entre analfabeto e primário completo, distribuídos em 25 localidades paraibanas; e o Atlas Linguístico do Estado do Ceará (ALECE), apresentando 265 informantes, com idades que vão de 30 a 60 anos, com escolaridade variando entre analfabetos e alfabetizados, distribuídos em 70 localidades do estado cearense.

No APFB, foram selecionadas 15 cartas fonéticas, contendo as variantes da pretônica anterior, são elas: carta 2 – zelação e velação; carta 5 – celeste; carta 12 – neblina; carta 37 – seringa; carta 39 – jerimum; carta 45 – escaldada; carta 50 – rescaldo; carta 67 – Verônica; carta 76 – esbugalhado e estufado; carta 91 – espinha; carta 98 – superstição; carta 106 – barreadeira; carta 133 – merinó; carta 144 – selegote e carta 148 – pelego.

Quanto ao ALP, foram selecionadas 12 cartas fonéticas, apresentando as realizações variáveis da pretônica /E/, são elas: carta 13 – redemoinho; carta 20 – neblina; carta 23 – nevoeiro; carta 35 – eclipse; carta 56 – espinhaço; carta 60 – estômago; carta 70 – rejeito; carta 85 – econômico; carta 86 – mesquinho; carta 140 – espírito; carta 145 – presépio e carta 147 – manjedoura.

Já no ALECE, foram selecionadas 19 cartas fonéticas, trazendo as variantes da vogal pretônica anterior, são elas: carta 03 – tempestade; carta 11 – tempestade; carta 14 – neblina; carta 15 – sereno; carta 37 e 38 – pesada; carta 39 e 40 – relâmpago; carta 50 – sebosa; carta 58 e 59 – remanso; carta 77 e 79 – geada; carta 164 – desamparado, desgarrado, desprezado e desvalido; carta 165 – estranho; carta 166 – desamparado e desprezado; carta 167 – desamparado, deserdado e desvalido e carta 218 e 219 – estômago.

Dessa forma, nossa amostra é composta por dados extraídos de 472 informantes, pertencentes aos três Atlas linguísticos supracitados, apresentando duas escolaridades: analfabetos e alfabetizados, além de estratificados segundo o sexo (masculino e feminino). As idades desses informantes nos três Atlas analisados são muito díspares, pois a variação vai de 25 a 84 anos, o que dificultou a divisão dos informantes por faixas etárias. Os informantes estão distribuídos em duas grandes faixas etárias: a primeira vai de 20 a 60 anos e a segunda vai de 61 anos em diante. Assim, temos uma diferença de 40 anos entre uma faixa e outra.

Dessa maneira, nossas variáveis sociais são: localidade (estados da Bahia, Paraíba e Ceará), o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (faixa 1 de 20 a 60 anos e faixa 2 de 61 em diante) e a escolaridade (alfabetizados e não alfabetizados).

Após a identificação e a coleta da vogal /E/, em contextos pretônicos, os dados foram codificados. Cada fator foi identificado por um símbolo existente no teclado do computador. Esses símbolos foram utilizados na codificação das ocorrências do fenômeno em análise. Como exemplo da codificação, tomamos a palavra neblina, que foi codificada como Emnb. Esta cadeia de codificação é interpretada da seguinte forma: E – corresponde à variante aberta; m – corresponde ao sexo do informante (masculino); N – corresponde à escolaridade do informante (não alfabetizado) e B – corresponde à localidade do informante (Bahia).

Em seguida, submetemos os dados codificados à análise estatística do Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). A seguir, apresentamos a

nossa interpretação para as análises estatísticas obtidas com o auxílio do programa estatístico.

3. Análise dos resultados

Foram codificadas 1256 realizações da vogal média pretônica /E/, das quais 404 são do APFB, 269 são do ALPB e 583 são do ALECE. Dessa forma, como podemos ver, obtivemos bastante dados coletados e quase metade destes foram oriundos do ALECE. As frequências gerais que obtivemos são as seguintes:

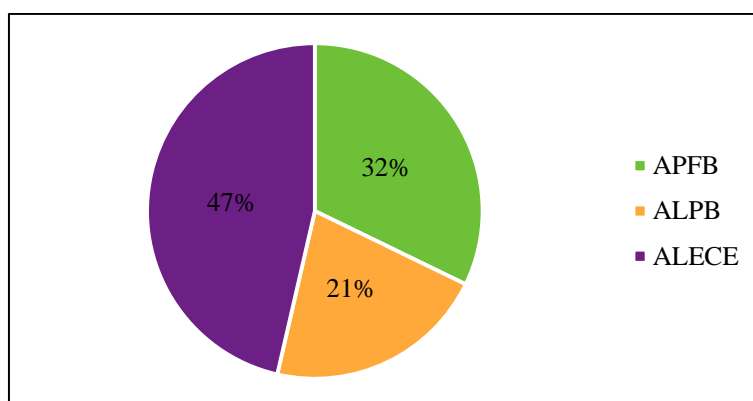


Gráfico 2 – Frequência geral da vogal /E/ nos três Atlas linguísticos estaduais

A partir das frequências gerais apresentadas no Gráfico 2, realizamos duas rodadas separadas: a primeira para o alçamento de /E/, e a segunda para o abaixamento desta pretônica. Vejamos, a seguir, os resultados gerados pelo Goldvarb X com os dados dos três Atlas nordestinos.

3.1. Alçamento de /E/

Nossa primeira rodada no programa computacional indicou a frequência inicial do alçamento da pretônica /E/ com os seguintes dados: 586 dados no geral, sendo que, desse universo, 486 ocorrências foram de *alçamento* e 100 dados de *manutenção* dessa pretônica. Vejamos os percentuais da frequência da regra de alçamento.

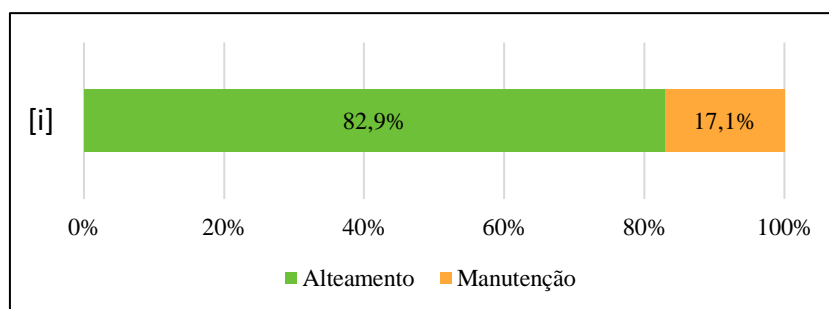


Gráfico 3 – Frequência de uso do alçamento da vogal pretônica /E/

Em nossos dados, obtivemos, segundo o gráfico 3, 82,9% para o alçamento. Esse valor supera os que foram encontrados nos estudos de Paim e Anjos (2015), Carmo e Tenani (2013), Cruz e Souza (2013) e Razky, Lima e Oliveira (2012), em que os dados de alçamento foram de 20,3%, 16,3%, 36% e 23%, respectivamente. Isto, então, revela um alto índice de realização da vogal pretônica alta [i] em nossos dados, o que destoa dos índices das pesquisas supramencionadas. Para a manutenção de /E/, enquanto nossa pesquisa encontrou 17,1%, os estudos de Paim e Anjos (2015), Carmo e Tenani (2013), Cruz e Souza (2013) e Razky, Lima e Oliveira (2012) registraram, respectivamente, 19,4%, 83,7%, 47% e 42%.

A análise binária nos apresentou como relevante apenas a variável *localidade* (tipo de Atlas/estado), descartando, assim, as demais variáveis da nossa análise: *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*. Vejamos, na Tabela 1, a atuação da variável *localidade* para o alçamento de /E/.

| Fator | Aplic./total | % | Peso relativo |
|-------|--------------|-------|---------------|
| APFB | 168/218 | 77.1% | 0,397 |
| ALP | 165/198 | 83.3% | 0,494 |
| ALECE | 153/198 | 90.0% | 0,637 |

Input 0.836 - Significance = 0.005

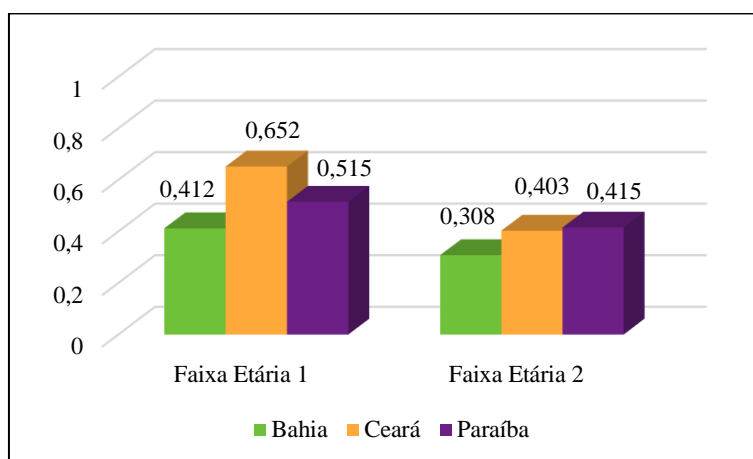
Tabela 1 – Atuação da variável *localidade* para o alçamento de /E/

Observando a Tabela 1 sobre a realização da variante alta [i], os resultados mostram que há uma predominância dessa realização no estado do Ceará, ou seja, o fator *localidade* influencia na realização da forma [i], sendo que o *Ceará* (0,637) é a localidade que possui maior favorecimento na regra de alçamento. Os demais estados são desfavoráveis à regra de alçamento: Bahia (0,397) e Paraíba (0,494).

A pesquisa de Paim e Anjos (2015) foi realizada também com dados extraídos do *corpus* do ALiB, mas restringindo-se apenas a dados retirados de oito informantes de Salvador-BA. Os autores constataram que os soteropolitanos

apresentaram uma frequência maior de abaixamento, o que vai ao encontro de nossos dados para a Bahia.

Insatisfeitos com apenas esses resultados, resolvemos criar novas variáveis para a regra de alçamento: *localidade vs. sexo*; *localidade vs. faixa etária*; *localidade vs. escolaridade* e realizamos uma segunda rodada que selecionou como relevante, apenas a variável *localidade vs. faixa etária*. Vejamos, no Gráfico 4, a atuação dessa variável.



Input 0.838 - Significance = 0.011

Gráfico 4 – Atuação da variável localidade vs. faixa etária para o alçamento de /E/

O Gráfico 4 nos revelou que apenas os fatores *Paraíba – faixa 1* (de 20 a 60 anos) (0,515 e 84,6% de frequência) e *Ceará – faixa 1* (0,652 e 90,7% de frequência) são favorecedores do alçamento. Os pesos relativos obtidos para estes fatores nos mostram, ainda, que, diferentemente do que ocorre entre os *cearenses* da *faixa etária 1*, os *paraibanos* da *faixa 1*, apresentaram peso relativo pouco acima da neutralidade. Isso significa que, sem qualquer sombra de dúvida, são os *cearenses da faixa 1* são os que mais favorecem o alçamento de /E/.

Paim e Anjos (2015) verificaram que os mais idosos, embora timidamente, favorecem o alçamento, com PR 0,54, assim como Carmo e Tenani (2013), com PR de 0,575 para os idosos. Já em Cruz e Souza (2013), as faixas etárias dos mais idosos (II e III faixas etárias) foram inibidoras da regra, com PRs de 0,46 e 0,45 respectivamente. Em Razky, Lima e Oliveira (2012), os jovens apresentam maiores frequências para a manutenção e os idosos apresentam mais ocorrências para o abaixamento. Assim, podemos dizer que os falantes cearenses, diferentemente dos informantes do Pará (CRUZ; SOUZA, 2013; RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2012), são

aliados do alçamento, seguidos dos indivíduos soteropolitanos (PAIM; ANJOS, 2015) e dos moradores de São José do Rio Preto (RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2012).

Os estudos pioneiros de Vieira (1990) e Callou *et al.* (1991) apresentaram a faixa dos mais idosos como favorecedora da regra de alçamento, indo de encontro aos resultados aqui obtidos.

Vejamos, no tópico a seguir, nossos resultados para a regra de abaixamento da vogal média pretônica /E/.

3.2. Abaixamento de /E/

Nossa primeira rodada estatística para os dados de abaixamento da vogal /E/ nos revelaram, inicialmente, um total de 769 dados: 669 de abaixamento e 100 de manutenção. Vejamos, no Gráfico 5, a visualização das frequências obtidas para o abaixamento e a manutenção de /E/.

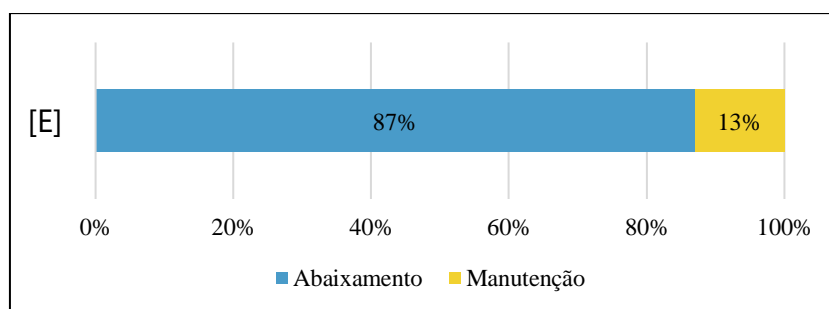


Gráfico 5 – Frequência de uso do *abaixamento da vogal pretônica /e/*

O abaixamento, em nossos dados, apresenta uma alta taxa de frequência (87%), o que também foi registrado por Paim e Anjos (2015) em dados do ALiB em Salvador-BA (60,3%). Razky, Lima e Oliveira (2012) e Cruz e Souza (2013), com dados do falar paraense, obtiveram frequências bem menores para o abaixamento: de 35% e 17% respectivamente.

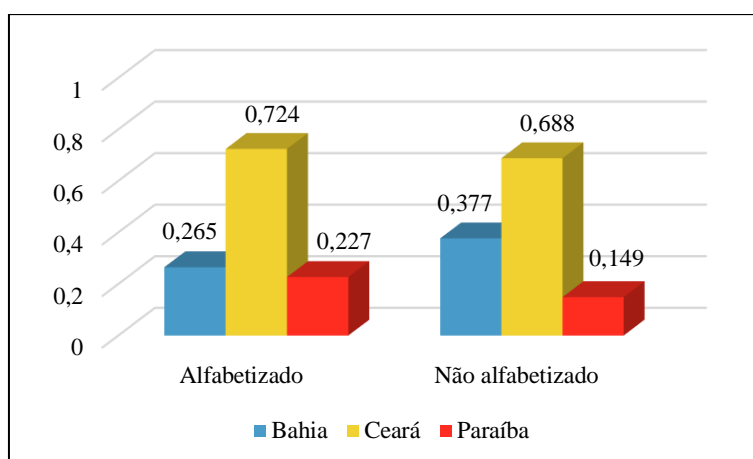
Após a verificação das frequências apresentadas no Gráfico 5, realizamos a análise binária que apresentou como relevante, assim como para o alçamento, apenas a variável *localidade*, descartando, assim, as demais variáveis da nossa análise: *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*. Vejamos, na Tabela 2, a seguir, a atuação da variável *localidade* para o *abaixamento de /E/*.

| Fator | Aplic./Total | % | Peso Relativo |
|-------|--------------|-------|---------------|
| APFB | 186/236 | 78.8% | 0,274 |
| ALP | 70/103 | 68% | 0,177 |
| ALECE | 413/430 | 96% | 0,711 |

Input 0.908 - Significance = 0.000

Tabela 2 – Atuação da variável *localidade* para o abaixamento de /E/

Observando a Tabela 2, quanto ao uso da variante média baixa, verificamos que o Atlas do Ceará é o único que favorece a pretônica média baixa [ɛ] (0,711), já que o Atlas da Paraíba (0,177) e o Atlas da Bahia (0,274) se mostraram inibidores desta variante. O *sexo*, a *faixa etária* e a *escolaridade* não demonstraram serem relevantes nesta análise, o que nos levou a criar novas variáveis para a regra de abaixamento: *localidade vs. sexo*; *localidade vs. faixa etária*; *localidade vs. escolaridade* e realizamos uma segunda rodada que selecionou, como relevante, apenas a variável *localidade vs. escolaridade*. Vejamos, no Gráfico 6, a atuação desta variável.



Input 0.838 - Significance = 0.011

Gráfico 6 – Atuação da variável *localidade vs. escolaridade* para o abaixamento de /E/

O Gráfico 6 nos aponta, então, os fatores *Ceará - alfabetizado* (0,724 e 96,3% de frequência) e *Ceará - não alfabetizado* (0,688 e 95,6% de frequência) como aliados da regra de abaixamento de /E/, o que corrobora a Tabela 3, que mostra a *localidade Ceará* como sendo a única favorecedora da regra em análise. Ademais, verificamos também que, no Ceará, os informantes alfabetizados se destacam mais no favorecimento do abaixamento de /E/ do que os não alfabetizados. Tanto a *Bahia* quanto a *Paraíba* inibem a regra de abaixamento.

4. Considerações finais

Acreditamos que os resultados deste estudo podem contribuir para o desenvolvimento do ensino de língua materna, auxiliando o professor a desenvolver, nos alunos, a consciência da necessidade de valorização das nossas variedades linguísticas, levando-os a refletir sobre seu uso em determinadas situações.

Em relação aos nossos resultados, tanto o abaixamento quanto alçamento apresentaram frequências gerais superiores a 80%, superando os índices das pesquisas que apresentamos em nosso estado da arte. Nas duas rodadas, tanto a de alçamento quanto a de abaixamento, a variável localidade foi a única selecionada como relevante, apresentando os dados do Atlas cearense como favorecedores das regras de aplicação.

Criamos novas variáveis para a regra de alçamento: *localidade vs. sexo*; *localidade vs. faixa etária*; *localidade vs. escolaridade* e realizamos novas rodadas. Para a aplicação da regra de alçamento, apenas a variável *localidade vs. faixa etária* se mostrou relevante, com o fator *cearenses da faixa etária I* (20 a 60 anos) favorecendo a variante alta [i] e os *paraibanos* também da *faixa etária I* beneficiando-a levemente.

Já para a aplicação da regra de abaixamento, a variável *localidade vs. escolaridade* apresentou-se relevante, sendo fatores favorecedores da regra: os *cearenses alfabetizados* e os *cearenses não alfabetizados*.

Retomando nossas hipóteses, a primeira, segundo a qual a *localidade* seria o grupo de fatores social mais relevante, foi confirmada, pois o estado *Ceará* se mostrou aliado de ambas as regras. Outra hipótese defendia que os jovens privilegiariam mais o abaixamento. Mas, essa hipótese foi refutada, pois os jovens do Ceará e os da Paraíba se mostraram aliados do alçamento de /E/. Nossa hipótese sobre a *escolaridade* era que os menos escolarizados favoreciam o uso da variante alta [i], o que foi refutado, já que essa variável foi relevante apenas para a regra de abaixamento. Por último, a hipótese de que os homens beneficiariam o alçamento e abaixamento não pôde ser validada ou refutada, já que a variável *sexo* não foi relevante para nenhuma das regras.

Posto isso, nossos dados mostram, de forma geral, que os processos de alteamento e abaixamento da vogal pretônica /E/ são favorecidos pela localidade, ou seja, o estado do Ceará.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. do S. S. de. Variantes diatópicas e diastráticas na Língua Portuguesa do Brasil. *Graphos*, João Pessoa-PB, v. 12, n. 2, p. 35-51, dez. 2000. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/download/10907/6112>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

_____; MENEZES, C. B. de. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: Universidade Federal da Paraíba/CNPq, 1984. v. 1 e 2.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BESSA, J. R. F. (Coord.). *Atlas Linguístico do Ceará*. v. 1. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010a.

_____. *Atlas Linguístico do Ceará*. v. 2. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010b.

CALLOU, D.; LEITE, Y; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Organon*. Revista do Instituto de Letras e Artes da UFRGS. Porto Alegre, v. 5, n.18, p.71-78, UFRS, 1991.

CARMO, M. C. do.; TENANI, L. E. *As vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista: uma análise sociolinguística*. São Paulo, v. 57, n. 2, p. 607-637, 2013.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2002.

CRUZ, R.; SOUSA, J. *Variação vocálica das médias pretônicas no português falado na cidade de belém (PA)*. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 26-46, 2013.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, [1922] 1953.

PAIM, M. M. T.; ANJOS, V. M. dos. O alçamento das vogais médias pretônicas em Salvador (BA). *Caderno de Letras*, n. 24, jan./jun., 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/download/7297/5110>. Acesso em: 23. jan. 2018.

RAZKY, A.; LIMA, A. F. de; OLIVEIRA, M. B. de. *As vogais médias pretônicas no falar paraense*. Londrina, n. 15/1, p. 293-310, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/11703>>. Acesso em: 23. jan. 2018.

ROSSI, N.; ISENSEE, D. M.; FERREIRA, C. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em: 10 jun. 2017.

VIEGAS, M. do C. *Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VIEIRA, M. de N. da C. *Alteamento dos segmentos /e/ e /o/ pretônicos e do segmento /o/ tônico no falar do Médio-Amazonas Paraense*. 1990. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, [1968] 2006.

ABSTRACT: From the perspective of Variationist Sociolinguistics, the present article aims to analyze the variation of the pretonic mid vowel /E/, observing as mid low [ɛ], mid high [e] and high [i] vowel variants in the data the Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI; ISENSEE; FERREIRA, 1963), Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO, MENEZES, 1984) and the Linguistic Atlas of the State of Ceará (BESSA, 2010a, 2010b). The linguistic conditioners (male and female), age group (range 1 - 20 to 60, range 2 - above 60 years), education (literate and illiterate) and locality (Bahia, Ceará and Paraíba) were observed. For this reason, we collected, coded and submitted the data to the statistical analysis of the Goldvarb X program. The results indicate that the most relevant factor for a variation was the locality, presenting a predominance of the performance of the high vowel [i] and the open vowel [ɛ] in relation to the closed vowel [e], indicating the state of Ceará presents a higher incidence of the realizations

KEYWORDS: Pretonic mid vowel /E/; Sociolinguistic Variation; Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB; Atlas Linguístico do Estado do Ceará – ALECE; Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB.

ARAÚJO, Aluiza Alves de; SILVA, Patrícia Jéssica Rocha; VIANA, Raket Beserra de Macêdo. N[ɛ]blina ou N[i]blina? Alteamento e abaixamento da pretônica /E/ na Bahia, Ceará e Paraíba – a atuação dos fatores sociais, *Linguística Rio*, vol.4, n.1, dezembro de 2018.

Enviado: 02 de fevereiro de 2018
Aceito: 31 de março de 2018
Pub. Online: 11 de fevereiro de 2019

ISSN: 2358-6826
[http://www.linguisticario.lettras.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/araujo_silva_viana.pdf]

